

## DA PORTA PRA FORA

### Usos do espaço, lazer e sociabilidade em oito praças revitalizadas de João Pessoa

Mônica Franch e Tereza C. da N. Queiroz

#### 1 Introdução

As cidades contemporâneas constituem um tema privilegiado de análise pela diversidade e mutabilidade que vêm apresentando nos últimos tempos. As mudanças econômicas e culturais, as transformações nos modos de trabalhar e viver, o redesenho dos equipamentos urbanos, além das sociabilidades mediadas pelas tecnologias que dispensam a interação direta entre as pessoas estão redefinindo a cidade e gerando novos padrões de convivência urbana. Por outro lado, redefinem-se também o estatuto mesmo das cidades que precisam tornar-se objeto de desejo para os investimentos privados e para os fluxos turísticos intensificados. Entretanto, as cidades têm histórias particulares, memórias, identidades e culturas inscritas nas mentes de seus moradores e nos monumentos, decorrendo daí diferentes possibilidades de tessitura urbana e de padrões societários.

Este artigo propõe uma reflexão sobre um tipo determinado de intervenção urbana promovida pela prefeitura municipal da cidade de João Pessoa sobre espaços públicos da cidade. O Projeto de Revitalização de Praças, Parques, Passeios e Jardins teve início em 2006 e construiu ou revitalizou praças em diversos bairros da cidade. O projeto colocou à disposição da população uma série de equipamentos como pista de skate, parque infantil, mesas para aposentados e anfiteatro. Em alguns casos, as praças foram utilizadas como local de convergência de serviços voltados à população, como Estação Digital e atividades do Pró-Jovem, bem como para atividades escolares extra-muros.

Essa intervenção se deu num espaço urbano peculiar. João Pessoa, capital do Estado da Paraíba, é uma cidade de porte médio, contando em 2007, segundo o IBGE, com cerca de 674.971 habitantes. Trata-se de uma cidade antiga, fundada em meados do século XVI, sendo considerada uma localidade aprazível, com belas praias e uma quantidade razoável de área verde preservada. É percebida como relativamente tranquila segundo índices nacionais comparativos sobre violência. Nas últimas décadas vem passando por um processo de modernização acelerado, configurando-se com a expansão e diversificação de sua estrutura urbana, a criação e expansão de novos bairros, a intensificação de processos de segregação espacial, de verticalização das habitações e de outros equipamentos, além da crescente privatização da vida social e o aumento dos índices de violência e dos medos sociais.

No cenário brevemente descrito acima, a intervenção da Prefeitura visa reorientar os usos da cidade no sentido de reverter a crescente privatização da vida, interferindo positivamente na vida pública, na dinâmica cultural e econômica da cidade e na atenuação dos índices de violência. Até que ponto esses objetivos vêm sendo alcançados?

Para responder essa questão, nos meses de abril a julho de 2008, uma equipe de estudantes dos cursos de graduação em Ciências Sociais e em Arquitetura e Urbanismo da UFPB, junto com pós-graduandos em Sociologia da UFPB e da UFPE, se deslocou a

oito praças revitalizadas, com o intuito de observar de perto seu cotidiano<sup>1</sup>. Este trabalho apresenta alguns dos achados dessa pesquisa, discutindo os acertos e dilemas colocados pelo programa de revitalização de espaços públicos no cenário de uma cidade atravessada por diferentes lógicas societárias. Privilegia o ponto de vista dos frequentadores dos espaços revitalizados e seus percursos e práticas cotidianas, atentando principalmente para os usos que fazem do espaço, para as formas de convívio em que se engajam e para as práticas esportivas que neles desenvolvem.

## 2 Usos das praças revitalizadas

A pesquisa analisou o impacto do Projeto de Revitalização das Praças, Parques, Passeios e Jardins nos seguintes bairros de João Pessoa: Bancários (Praça da Paz), Mangabeira (Praça do Coqueiral), Jaguaribe (Praça Boa Vista), Torre (Praça Tiradentes), Manaíra (Praça Alcides Carneiro), Funcionários I (Praça Lauro Wanderley), Funcionários II (Praça Bela) e Bessa (Praça do Caju). Ficou demonstrado que as praças construídas ou revitalizadas pela Prefeitura Municipal foram satisfatoriamente incorporadas no cotidiano dos moradores de seus respectivos bairros. A apropriação desses equipamentos pela população pessoense, com práticas e usos que muitas vezes vão além do planejamento oficial, é uma mostra cabal da necessidade desse tipo de espaço público na cidade.

Em geral, as praças revitalizadas começam a ser ocupadas com os primeiros raios de sol e recebem frequentadores até tarde da noite. No entanto, os usos imprimidos ao espaço da praça vão se modificando no decorrer do dia, são diferentes ao longo da semana, e ainda estão submetidos à sazonalidade. Há também diferenças entre a ocupação nos dias que chove e quando faz sol, e de acordo com diversas passagens do ciclo festivo. Mudam as práticas e mudam, também, os frequentadores ao sabor do momento e dependendo dos equipamentos. Esses diferentes usos constituem os ritmos das praças, com aspectos em comum, mas também com diferenças significativas de bairro para bairro.

Falar em ritmos das praças remete, por um lado, ao ciclo natural diário, com a alternância do dia e da noite, mas também à organização social da vida numa grande cidade, com seus tempos de trabalho e de ócio, e com rotinas diferentes de acordo com os papéis sociais desempenhados por diversas pessoas – estudantes, trabalhadores, desempregados, pais, mães, etc. Essas dinâmicas se refletem nitidamente nas formas de ocupação que as praças apresentam ao longo da semana. De segunda a sexta-feira, os primeiros horários da manhã costumam ser ocupados principalmente por idosos e por mulheres que, de forma espontânea ou integrados ao projeto Vida Saudável<sup>2</sup>, utilizam as praças para fazer exercício. A partir das cinco ou seis horas, já é possível encontrar pessoas fazendo alongamento e caminhadas em quase todas as praças, o que concentra o movimento nas barras de exercício e nas pistas de *cooper*. Na Praça Alcides Carneiro,

<sup>1</sup> A pesquisa “Da casa à praça” foi financiada pela Prefeitura Municipal de João Pessoa e desenvolvida pelo Departamento de Ciências Sociais da UFPB. Os pesquisadores de campo foram: Cristiane Leal Soares, Ricardo Bruno Cunha Campos e Yuriallis Fernandes Bastos, do PPGS/UFPB; Arthur Silveira Guimarães, Celly Souza dos Santos, Clareanna Viveiros Santana, George Ardilles da Silva Jardim, Fabrícia Milena Grisi de Araújo, Lilian Andrade da Silva, Lorena Lúcia Cardoso Monteiro, Luan Borges da Luz, Naldimara Vasconcelos e Rafael Pontual, da graduação em Ciências Sociais; Ana Emília Fernandes Lacerda, Paula Dieb Martins, Sayonara de Souza Andrade, da graduação em Arquitetura; Alexandre Paz Almeida e Sam Thiago Borges, do PPGS/UFPE.

<sup>2</sup> Projeto implementado pela Secretaria Municipal de Saúde da Prefeitura Municipal de João Pessoa, que tem objetivo melhorar a qualidade de vida dos cidadãos pessoenses, através do monitoramento e orientação de atividades físicas nas praças da cidade (<http://www.joaopessoa.pb.gov.br/secretarias/saude/vidasaudavel/>)

em Manaíra, uma cena muito comum nesse horário é a dos vizinhos levando seus cachorros para passear, efeito indireto do processo de verticalização que se observa no bairro. Caminhadas e exercícios acontecem também no final da tarde, quando o sol já não está tão quente, e coincidindo com os horários de retorno do trabalho e de outras obrigações. Comparativamente aos horários matutinos, o público que caminha à tarde é mais variado, incluindo, além de mulheres e idosos, homens adultos e jovens de ambos os sexos.

Outro grupo que faz uso das praças nos horários de trabalho dos dias úteis é formado por estudantes de escolas da rede pública que participam do Projeto Segundo Tempo. Esse projeto volta-se à prática de esportes coletivos e é monitorado por estagiários de cursos de graduação em Educação Física. Além das atividades já referidas, as praças são apropriadas, no horário de trabalho, por usuários pouco submetidos ao ritmo da esfera produtiva. Em muitas praças, grupos de aposentados se reúnem pela manhã e à tarde para conversar e jogar baralho ou dominó. Trata-se, geralmente, de grupos masculinos, pois, com a chegada da aposentadoria, os homens ficam com tempo disponível e procuram novas inserções no mundo público, lócus socialmente atribuído ao seu gênero.

Muitas outras atividades animam, ainda, o cotidiano das diversas praças nas manhãs e tardes dos dias úteis. O horário mais frequentado pelas mães, e eventualmente pais, com seus filhos é o de final de tarde, gerando uma concentração de usuários nas áreas dos playgrounds. Na Praça da Paz, no bairro dos Bancários, a afluência de famílias já a partir das 15 horas tem seu reflexo na intensificação do comércio informal. Conforme as famílias vão chegando, vendedores ambulantes começam a se organizar no corredor central da praça, próximo ao parque infantil e à pista de skate. Já no horário de fim de tarde, são os jovens, sobretudo, que chegam às praças para encontrar seus amigos, se distribuindo pelos bancos e mesas existentes. É o horário preferido, também, pelos skatistas, muitas vezes vindos de bairros diversos, que se reúnem ao redor do *half* para realizarem suas manobras.

Atenção especial merecem as quadras. Além de serem utilizadas pelo projeto Segundo Tempo, as quadras são o equipamento mais disputado em todas as praças, recebendo usuários de segunda a sexta e aos finais de semana, pelas manhãs, à tarde e à noite. Em geral, apenas no horário em que o sol está mais forte (do meio-dia às três horas da tarde) as quadras estão vazias. Igualmente, a chuva interfere negativamente na ocupação das quadras como, de resto, dos outros espaços abertos. Cada praça encontrou uma forma de negociar as demandas dos diversos grupos para fazer uso das quadras. A presença masculina nesses espaços é mais marcada do que a feminina, e o esporte predominante é o futebol, embora também se jogue basquete, vôlei e futsal. Igualmente, há mais jovens do que adultos praticando o esporte, mas também é possível encontrar grupos intergeracionais e outros de homens de mais idade, como é o caso da “pelada dos velhos” que acontece no bairro dos Funcionários II às noites de quinta-feira.

Durante as noites e aos finais de semana intensificam-se os usos ligados ao lazer e ao divertimento. De segunda a quinta-feira, o movimento noturno nas praças costuma se concentrar em bares, lanchonetes e quiosques de bebida e comida, dentro e fora da praça. É o horário, também, em que casais de jovens procuram espaços um pouco mais reservados para namorar. Na maioria das praças, a movimentação e os usos recreativos tornam-se mais expressivos ainda na noite de sexta-feira, incorporada no imaginário e nas práticas coletivas ao tempo social do final de semana. É principalmente na sexta-feira à noite, e nas noites de sábado, que são realizados shows e outros eventos culturais

do Circuito das Praças<sup>3</sup>, além de iniciativas artísticas dos moradores, e de espetáculos inseridos na programação cultural de João Pessoa. Mas os usos espontâneos da praça também se voltam para o lazer, dando vazão à criatividade dos diversos grupos. Jovens expõem seus trabalhos artísticos na Praça da Paz, outros se reúnem para tocar violão enquanto consomem bebidas na Praça Alcides Carneiro, os artistas dos Funcionários II se apresentam espontaneamente no anfiteatro da Praça Bela Vista, moradores do Bessa ficam comendo churrasco nas barraquinhas da Praça do Caju, etc.

Aos sábados e domingos, os ritmos matutinos pouco guardam de semelhança àqueles dos dias úteis. As manhãs de sábado recebem escasso movimento em todas as praças. Poucos são os usuários que fazem caminhadas, como também no domingo. Até as quadras, geralmente lotadas, registram menos movimento nas manhãs e nas noites de sábado, compensado por uma forte procura aos domingos, dia da tradicional “pelada”, existente na maioria dos bairros antes mesmo da revitalização das praças. Em Manaíra, algumas pessoas destinam a manhã de sábado para lavarem seus carros, usando para isso o chuveiro instalado no local. O mesmo chuveiro também é utilizado pelas pessoas que voltam da praia. Às tardes de sábado e de domingo, todas as praças pesquisadas registram uma movimentação maior, que se estende até o horário noturno. Pessoas de todas as idades podem ser encontradas na praça nesses horários, o que é percebido positivamente pelos seus frequentadores. “A praça é um espaço de encontro de gerações” é uma expressão escutada recorrentemente da boca dos usuários desses espaços.

Aos finais de semana, acontecem ainda atividades educativas em alguns lugares, como na Praça da Paz, onde um voluntário realiza treinos de vôlei. Nesses dias predominam, contudo, os usos espontâneos. Na Praça Alcides Carneiro, moradores do bairro levam suas cadeiras até o espaço central da praça onde ficam conversando. O hábito de colocar as cadeiras do lado de fora de casa é mais expressivo ainda em outros lugares, como na Praça do Coqueiral, em Mangabeira e na Praça Lauro Wanderley, em Funcionários I. Já quando a noite avança, o número de crianças costuma se reduzir e os jovens tomam conta das praças, muitos deles procurando as áreas menos movimentadas para conseguir um pouco de intimidade. Um pólo de movimentação importante, nesses horários, é o dos bares ou quiosques onde se vende comida e bebida, quer seja nas próprias praças, quer nas ruas circundantes.

### **3 O convívio no espaço das praças**

Nas praças revitalizadas, a diversidade de espaços e equipamentos, os usos diferenciados por distintos grupos etários e gêneros transformaram esses lugares em espaços de convívio multifacetado, propiciadores do encontro entre jovens, crianças e idosos, resgatando a idéia do espaço público como local de encontro de diferentes, que se contrapõe aos ordenamentos da cidade contemporânea, atravessada por lógicas de exclusão e segregação. Isso ocorreu pela confluência de uma série de fatores que contribuíram para quebrar a inércia dos moradores, introduzindo novos hábitos em sua rotina, aumentando sua sensação de segurança e fortalecendo sua identificação com o espaço das praças. São estes: os novos equipamentos e projetos, que permitem, como vimos, a coexistência de uma variedade de atividades nas praças; a iluminação, que

---

<sup>3</sup> O Circuito das Praças leva atrações artísticas e culturais variadas às praças revitalizadas de setembro (início oficial do verão) até fevereiro (fim do verão e carnaval). Articulado pela Fundação Cultural de João Pessoa (Funjope), em parceria com os Conselhos Gestores das Praças, o Circuito busca, de um lado, oferecer atividades culturais nas praças, e de outro lado, estimular a produção e circulação artística da cena cultural local.

diminui a sensação de insegurança; e a reforma estética dos lugares, isto é, o fato das praças, atualmente, estarem mais cuidadas e bonitas.

Em todas as praças observadas foi recorrente seu uso como lugar de encontro, de bate-papo, de descoberta de novas amizades que inauguram novos ciclos de contatos e de retomada de velhas amizades esquecidas pelo ritmo duro do cotidiano, da individualização e do medo. A praça atraiu de fato os moradores para o seu espaço e diversos depoimentos registram esse acontecimento, relatado assim que surge uma pergunta sobre ela.

**Pesquisadora:** O que tem a me dizer sobre a praça?

**Freqüentador da Praça Lauro Wanderley:** Sobre a praça, eu quando cheguei aqui eu achava ridícula a praça que tínhamos aqui, não sei por que deixaram abandonado tanto tempo. O atual Prefeito fez uma reforma que na minha opinião surgiu efeitos positivos perante a população porque as pessoas tinham medo de ir até a praça pois era muito escuro, tinha coisas estranhas. Em que essa escuridão acabou-se e essas coisas estranhas também sumiram. Com a claridade da praça faz com que circulem nela só as pessoas que têm um bom senso de andar e começar a brincar. Trouxe mais lazer principalmente na parte esportiva. Até eu que tava parado de jogar futebol há mais de dez anos voltei a jogar devido à praça, toda terça-feira à noite [...]. Para mim foi uma coisa excelente porque a minha menina gosta muito de ir a essa praça hoje, ela não ia de jeito nenhum, porque não tinha lazer, não tinha, só tinha escuridão. Muito bom o trabalho que ele fez, para mim é positivo e eu acho que todas as pessoas daqui da Cidade dos Funcionários vão responder dessa forma.

Observamos também que a praça suscita nostalgias nos que migraram do interior para a capital e encontram nela uma possibilidade de reviver a sociabilidade tradicional, mais pessoalizada, ao lado da fruição de bens culturais e simbólicos próprios de uma sociedade moderna. É o que pode ser visto na falta de uma frequentadora da Praça da Paz, no bairro dos Bancários:

A praça foi a maior novidade na nossa vida, uma mudança. Uma mentalidade nova, de sair de casa de deixar a televisão pra vim pra praça, parece-me que eu estou na minha infância, porque eu cresci no interior e lá tinha uma praça bonita, tinha o coreto. Onde a gente ia pra praça pra paquerar, pra arranjar um namorado, onde o pai e a mãe iam. E ali próximo também tinha o cinema. O cinema então era o máximo. A gente fazia o passeio na praça e depois ia pro cinema, até que lá rolava uns beijinhos na boca... Eu vejo então assim um retorno, porque veja os casais de namorados vindo pra namorar na praça, saindo dos sofás de casa e vem o avô, vem a avó, vem o pai, vem a mãe, vem o bebê tomar banho de sol. Moro aqui há 20 anos, quando minhas filhas eram pequenas eu não tinha uma praça para trazê-las para o banho de sol. Então eu acho que foi o simples, uma coisa simples que revolucionou a vida de muita gente, porque aqui tem vários atrativos de esporte e lazer, trouxe a união das famílias, e está resgatando a família, saindo da televisão. A praça promove até o diálogo na família, porque quando alguém caminha acompanhado com outra pessoa, então ali vai conversando, vai colocando as coisas em dia, pra mim pessoalmente eu espero que ninguém destrua essa praça, porque eu quero ficar bem velhinha andando aqui.

Em outros depoimentos, a reativação da praça e dos vínculos de moradia promove o encontro com “estranhos”, principalmente com os moradores de comunidades de baixa renda próximas aos bairros, mas também com vizinhos nunca antes conhecidos. Isso acontece, por exemplo, na Praça do Caju, no Bessa, onde a idéia de que a praça é local de encontro e de diálogo com os diferentes apareceu com muita insistência. A praça do Caju está inserida em um bairro considerado de classe média alta que faz fronteira com comunidades populares e a possibilidade de convivência entre os dois segmentos aparece como positividade em algumas entrevistas:

Bom... antigamente aqui era um local morto, né? Não tinha convivência, o pessoal do bairro não interagia. E depois que a pracinha foi construída, eu acho que ajudou tanto a parte daqui como as outras comunidades carentes. Interagiu as duas comunidades, entendeu? Que é como se fosse uma divisão, eles viviam lá e a gente vivia aqui, e agora tem essa interação. Pode ver que no futebol, por exemplo, joga tanto as pessoas daqui como as pessoas de lá. A pracinha ajudou a população a interagir de uma forma mais legal  
**(Frequentador da Praça do Caju)**

Bem diferente é a percepção dos moradores do entorno da praça Alcides Carneiro, em Manaíra, onde o discurso da exclusão e da intolerância com os usuários provenientes de comunidades populares surgiu com maior intensidade. A segregação existente na praça é percebida no cotidiano pela criação de zonas de exclusão, fronteiras simbólicas que se estabelecem entre os dois grupos, de forma que quando os usuários do bairro de São José ocupam uma determinada área, ela é evitada pelos moradores de Manaíra e vice-versa.

Nota-se que não há interação entre os usuários de Manaíra com aqueles vindos da comunidade vizinha, Bairro São José, nesse horário e naquele espaço. Percebemos nas visitas, que grupos de Manaíra, mesmo na praça, não utilizam o mesmo espaço onde os meninos se divertem com som, esperando que estes se retirem do local para ocuparem aquele ambiente. Em conversas informais com um dos grupos de Manaíra a respeito disto, disseram que não há conflito entre eles, porém, não interagem por considerá-los “diferentes” **(Relatório de observação da Praça Alcides Carneiro)**.

Na praça Tiradentes, localizada no bairro da Tôrre, um dos mais tradicionais da cidade, a revitalização da antiga praça do bairro é valorizada e faz refletir sobre o esgarçamento dos locais públicos de encontro no bairro, evocando lembranças das riquezas culturais de seu passado construídas na trama dos vínculos societários ainda fortes no presente:

Eu acho que, simbolicamente, a praça é o melhor espaço de lazer do bairro, porque [...] não somos contemplados por muitos espaços de lazer, de interação, de esporte e cultura, que eu acho que isso deveria ser trabalhado mais, a exemplo de ginásios escolares, que deveria ser trabalhado mais essa parte desportiva. Então a praça representa o lugar onde nós formamos nossos laços sociais e comunitários, onde conhecemos nossos amigos e crescemos juntos, é no âmbito da praça  
**(Membro do Conselho Gestor)**.

#### 4 Práticas de esporte nas praças

A dimensão que a prática do esporte assume nas praças novas ou revitalizadas exige uma reflexão. As quadras e outros equipamentos destinados aos esportes e caminhadas são intensivamente utilizados, podendo-se afirmar que estes são os espaços mais freqüentados das praças. As atividades desenvolvidas podem ser divididas em quatro categorias: esportes individualizados; esportes coletivos espontâneos; esportes coletivos dentro de programas educativos; e esportes radicais.

Historicamente, os esportes individualizados fazem parte do processo de privatização da vida social, que tornam o corpo o lugar privilegiado da identidade pessoal. “Não existe maior manifestação do primado da vida individual do que o moderno culto do corpo” (PROST, 1992, p. 94). Num primeiro movimento, o cuidado com a saúde, o bem-estar e a estética deslocam-se do público para o privado e passam a ser responsabilidade de cada indivíduo, retornando depois para o público em forma de demandas por espaços e serviços que permitam a realização desse programa. Nas praças estudadas, a prática da caminhada, o uso das barras e tábuas de exercício e o projeto Vida Saudável se inserem nessa preocupação.

A prática da caminhada foi intensificada nas praças após a recuperação de pistas adequadas a este uso, atraindo principalmente pessoas idosas, mas também adultos e jovens, com uma presença maior do sexo feminino. Dentre as atividades de esporte individualizado orientadas encontra-se o projeto Vida Saudável, anteriormente referido, voltado para o público de todas as idades mas freqüentado, principalmente, por mulheres na faixa etária dos 50 anos em diante. Sob orientação de um instrutor, elas praticam ginástica, aeróbica e alongamentos. As mulheres que participam do programa Vida Saudável aprovaram a iniciativa e falam com entusiasmo das melhorias que provocou em suas vidas. Além dos cuidados com a saúde, dos ganhos em energia e vitalidade, condizentes com o processo de gestão individual da velhice em nossa sociedade, as usuárias do Projeto Vida Saudável se referem à ampliação de suas redes de relacionamento e de amizades, levando-as a encontros e à realização de programas com as novas amigas, fora dos horários de aula. Nestes encontros descobrem afinidades e trocam conhecimentos sobre habilidades artísticas e artesanais:

**Pesquisadora:** As aulas são animadas? Pode falar um pouquinho das aulas?

**Frequentadora da Praça da Paz:** São, maravilhosas. Olha, é como diz assim, é suficiente ... a gente volta diferente. Às vezes estamos com preguiça de ir, quando chega lá, que a aula termina a gente nem sente de tão rápida. [...] Eu penso que nós somos privilegiadas. Estamos cada dia mais em forma, mais felizes, e as pessoas querem isso. Existem dois grupos porque já tinha muita gente. Aí hoje na minha turma tem 40 pessoas. Tivemos um recesso, agora começou, por exemplo, na turma, todo mundo estava com aquela saudade. A gente passou a fazer parte, como se fosse uma faculdade de quatro anos que a gente está... se acabar a gente vai sentir falta.

Entende-se, desse modo, que os esportes individualizados dizem respeito apenas ao lócus da prática esportiva, isto é, o corpo individual de cada participante, mas eles não impedem a formação de laços entre seus participantes.

Outro tipo de práticas esportivas que acontecem nas praças é aquela dos esportes coletivos. Essas atividades têm, em alguns casos, continuidade com práticas populares,

como é o caso da “pelada”, praticada por jovens do sexo masculino de todas as idades. As quadras bem dimensionadas das praças recuperadas estimularam e reforçaram esses usos tradicionais. Em outros casos, as práticas de esportes coletivos correspondem a políticas educativas direcionadas a crianças e jovens de bairros populares que, segundo a ótica governamental, necessitam ocupar o tempo com atividades esportivas e educacionais para não ficarem à deriva. Consideramos as primeiras como práticas espontâneas e as segundas como práticas programáticas.

Os programas esportivos para o público infanto-juvenil funcionam principalmente nas praças situadas em bairros populares ou onde há comunidades de baixa renda no entorno, como a Praça Bela, a Praça Tiradentes, a Praça da Paz, a Praça Alcides Carneiro e a do Coqueiral. Na praça do Caju, não existem atividades orientadas, os praticantes de esporte exercitam-se livremente. A construção de duas quadras, uma para a prática do futsal e do handbol e outra para vôlei e basquete, deu melhores condições para a prática de esportes coletivos por parte daqueles usuários que já utilizavam as antigas quadras, atraiu novos esportistas e ainda fez com que antigos peladeiros voltassem à ativa. Nessa praça, o esporte, em específico o futebol e as caminhadas, são o grande foco do lugar, além dos encontros e bate-papos nos quiosques noturnos. Apesar da ausência do Programa Segundo Tempo existem iniciativas dos próprios moradores visando movimentar a praça, como é o caso dos Campeonatos de Futebol, realizados pelo atual gestor de esportes da praça, que têm uma boa repercussão na cidade, envolvendo times e famílias dos diversos bairros.

Já na Praça Alcides Carneiro, o esporte reflete o processo de segregação social estabelecido entre os moradores da “nobre” Manaíra e aqueles do bairro popular de São José. Apenas nos sábados à tarde, a quadra de vôlei registra um jogo socialmente heterogêneo. Nos outros horários, a interação esportiva entre grupos sociais é cuidadosa e tacitamente evitada, existindo jogos apenas para as classes médias e outros para os moradores do bairro de São José. Os programas de incentivo à prática do esporte para o público infanto-juvenil de baixa renda, sobretudo o Segundo Tempo, têm tido um papel importante no estímulo à incorporação das mulheres nos esportes de equipe.

## **5 Considerações finais**

De modo geral, o programa analisado repercutiu positivamente sobre as práticas de sociabilidade nas distintas praças e seus respectivos bairros. Ocorreu de fato um refluxo da casa à praça, com uma ocupação mais ou menos intensiva dos espaços revitalizados, tanto nos equipamentos destinados a práticas determinadas como nos usos imprevistos e mais ou menos criativos adotados. Também as iniciativas públicas de programas educativos e de saúde foram bem utilizadas, gerando inclusive demandas pela sua ampliação e aprimoramento. Deste modo, a pesquisa realizada autoriza a responder que o programa das praças contribuiu positivamente para a vitalização do espaço público embora este resultado encontre seus limites em processos sociais e econômicos mais abrangentes e se realize de forma diferenciada nos distintos bairros da cidade.

Nos espaços públicos das praças, em sua maioria, observamos a reativação do bairro como espaço de convívio, como espaço de transição entre a casa (privado) e a rua (público). Esta constituição de um espaço de transição entre o público e o privado vem sendo corroída pela urbanização privatizante que reorganiza a vida cotidiana entre os dois mundos separados, impedindo a sociabilidade que se estabelece entre pessoas que não são parentes, mas não são estranhas – os vizinhos. Essa tendência de desenvolvimento urbano vem se registrando também em João Pessoa e aparece nas falas

de moradores que se referiam ao espaço das praças, antes da revitalização como espaços escuros, vazios, atemorizantes, feios. Não funcionavam como espaços convidativos, seja para a prática de atividades esportivas, seja para o passeio e o convívio com os vizinhos.

Após a intervenção do poder público municipal, os moradores dos bairros se apropriaram das praças e reativaram laços de sociabilidade, estabelecendo e fortalecendo vínculos que implicaram também em trocas e negociações sobre o uso dos equipamentos e sobre normas de convívio. O medo que antes organizava os trajetos e o isolamento da casa e de seus habitantes passa a dar lugar a uma ocupação mais intensiva do espaço, sua revitalização pelo uso e pelo diálogo entre os usuários. O discurso sobre o medo está presente, mas há também referências aos ganhos de segurança provenientes da iluminação, do maior fluxo de pessoas e da presença de policiamento. Na percepção de alguns, a violência e insegurança não acabaram, mas se deslocaram para locais mais distantes e horários em que as praças estão esvaziadas. Todavia a força dos processos de individualização, a expansão da cultura do medo e o agravamento das contradições sociais e das novas e velhas formas de exclusão tornam os moradores da cidade desconfiados e temerosos, desejosos de maior intervenção do poder público na fiscalização e controle dos espaços de uso comum.

É perceptível que as fronteiras entre o espaço público e o privado não são estanques, mas se deslocam e novas fronteiras são desenhadas. Nos bairros analisados, o que os moradores relatam é que, antes do programa, a oposição entre a casa e a rua era bem pronunciada indicando um fechamento da casa sobre si mesma, sobre o espaço privado. Da casa saía-se imediatamente para o espaço hostil, perigoso e anônimo da rua. Hoje, entre a casa e a rua existe uma mediação, representada pela praça, que se torna espaço intermediário, onde a interlocução com os vizinhos pode se estabelecer. Constitui-se assim um novo espaço de sociabilidade que expõe a diversidade e os interesses distintos e confluentes, que recriam cotidianamente o social.

Entretanto, podem-se observar diferenças entre os distintos bairros, no que se refere a esses usos e apropriações, que variam de acordo com os padrões de sociabilidade pré-existentes, os laços identitários com o bairro, a existência de uma memória social consolidada, a presença de movimentos sociais e projetos urbanos para o bairro e a cidade, a introjeção do ideário individualista e de modos de vida correspondentes, a composição populacional ou cultural dos moradores, entre outros fatores que a pesquisa de campo sugeriu. Como afirma Jane Jacobs, “Espera-se muito dos parques urbanos. Longe de transformar qualquer virtude inerente ao entorno, longe de promover as vizinhanças automaticamente, os próprios parques de bairro é que são direta e drasticamente afetados pela maneira como a vizinhança neles interfere” (JACOBS, 2001, p. 104).

A praça como espaço de encontro, convívio e sociabilidade concretizou-se de modo mais intenso nos bairros populares da cidade. É o que se observou nas praças de Mangabeira (Praça do Coqueiral), Funcionários I (Praça Lauro Wanderley), Funcionários II (Praça Bela). Em todas elas, a praça atraiu os moradores do entorno que passaram a utilizá-la de diversas maneiras, sendo muito intenso o uso para o convívio com os vizinhos e demais usuários das praças. A composição populacional desses bairros é marcada por migrantes do interior do Estado, que trazem uma memória recente de práticas de sociabilidade mais expansivas, com laços fortes de vizinhança consolidados nas conversas cotidianas nas calçadas das casas ou mesmo em seu interior. Essa memória recente favoreceu a apropriação intensiva e imediata das praças, nas localidades citadas, que se transformaram em um grande calçadão coletivo onde os moradores se encontram e reavivam todos os dias os laços de vizinhança. Além disso, a

exigüidade das moradias, a inexistência em seu interior de espaços de lazer, aliada a uma cultura que valoriza os laços afetivos de convivência contribuíram para uma utilização intensiva das praças como local de encontro e de reforço dos laços de vizinhança. Essa constatação reforça proposições de estudiosos da cidade para os quais “os padrões de socialização de um determinado grupo têm implicações diretas nos espaços de uso coletivo da cidade” (FONSECA, 2005, p. 377). Ainda segundo a mesma pesquisadora,

as populações pobres, em geral, dependem do espaço para estabelecer suas redes de relações sociais e, portanto, utilizam intensamente os espaços públicos abertos, ao passo que as populações de renda média e alta contam com mais recursos para estabelecer suas relações sociais independentemente do espaço e desejam preservar contatos mais seletivos e que ocorrem em outros espaços (pp. 377-378).

Um contra-exemplo do uso intensivo de espaço público aberto foi encontrado na Praça Alcides Carneiro, situada no bairro de Manaíra, espaço que vem passando por um vertiginoso processo de verticalização, com prédios de elevado padrão construtivo, e onde se verifica na praça a reprodução de mecanismos de exclusão e estigmatização. Nela, os usos se dão de forma fragmentária, agrupando pessoas de mesma condição sócio-econômica que não se misturam em atividades comuns. A maioria dos prédios do entorno da praça possui áreas privativas de lazer, sendo a praça considerada por boa parte dos moradores como um espaço perigoso, que deve ser evitado. A verticalização e outras intervenções arquitetônicas no bairro têm implicações na cultura urbana e nas relações entre os moradores, promovendo uma maior descontinuidade entre os espaços da casa e da rua. Como afirma Antoine Prost, ao discorrer sobre as mudanças na organização espacial nas cidades modernas,

As formas arquitetônicas e urbanas da modernidade dificultam ainda mais a articulação entre o público e o privado no espaço do bairro, pois elas desestruturam esse espaço. É o fim das ruas, que canalizavam os itinerários, e o fim das lojinhas: os centros comerciais ocupam o lugar das mercearias, e as pessoas freqüentemente vão de carro. ... O elevador não é uma rua na vertical: na rua, a pessoa vê os outros passarem, sabe em que porta vão parar, e a identificação fica mais fácil graças às diferenças entre as casas. O elevador conduz os passageiros ao abrigo dos olhares e os entrega em andares totalmente idênticos, e é fácil confundir as entradas dos prédios. A semelhança dos lugares gera o anonimato (PROST, 1992, p.123).

Assim, o modelo de moradia em apartamentos adotado no bairro de Manaíra traz embutida em suas formas uma lógica de organização da sociabilidade, da vida familiar e de relação com os vizinhos destacando-se as idéias de reclusão para o espaço da casa e distanciamento em relação à vizinhança. O individualismo moderno não combina com as tutelas da vizinhança: “como “fazer o que bem se entende” se as comadres não param de espionar?” (PROST, 1992, pp. 125-126). Difunde-se a ideologia segundo a qual libertar-se das servidões de vizinhança constitui uma das formas de ascensão social. Além disso, a proximidade da beira-mar e seus calçadões diminui o poder de atração da praça para os usos de práticas de lazer, esporte e sociabilidade, que se realizam com muita intensidade naquele local. Esses fatores ajudam a compreender o diferente uso

que fazem os moradores desse bairro, mais centrado em atividades pontuais, como caminhadas e esportes, que não necessariamente propiciam os laços de vizinhança<sup>4</sup>.

Outros aspectos são importantes para explicar os usos e apropriações dos espaços da praça nos diversos bairros da cidade. Um deles é a cultura de bairro, o conjunto de práticas cotidianas, relações de vizinhança, músicas, ritmos, manifestações artísticas e esportivas, culturas tradicionais e culturas urbanas que conferem expressividade e identidade aos moradores que estabelecem relações de vizinhança. A memória social compartilhada e referências identitárias comuns favorecem o uso e apropriação de espaços coletivos abertos, como o das praças. No bairro da Tôrre, que presenciava certa deterioração de sua praça tradicional, houve uma rápida retomada do espaço público após a revitalização da mesma, com a recuperação de práticas tradicionais, a renovação de antigas amizades e a invenção de novos usos do espaço. A sociabilidade de vizinhança que experimentava certo declínio é retomada com vivacidade, como atestaram os vários depoimentos recolhidos durante a realização da pesquisa de campo.

Na praça Bela, no bairro Funcionários II, também verificou-se uma ocupação intensiva de seus espaços tanto para a prática do esporte, como para a sociabilidade e outras formas de lazer. Mas o lugar se destacou sobretudo pela intensa movimentação cultural, liderada por bandas musicais e grupos artísticos que existiam previamente à construção da praça e que dela se apropriaram com desenvoltura para articular e desenvolver seus projetos artísticos. São diversos os grupos de vários gêneros musicais que atuam no bairro, constituindo uma cena artística inusitada formada predominantemente por jovens, trazendo já certo acúmulo de experiências em festivais locais, com certa repercussão além das fronteiras do bairro. Essa movimentação artística, de caráter autonomista e com ar de vanguarda, acabou repercutindo sobre a formação de uma identidade de bairro, que foi canalizada para as tarefas de gestão e de ocupação das praças. Assim, representantes desses grupos lutaram para participar do comitê gestor da Praça Bela, inclusive com uma proposta de gestão colegiada na representação do setor cultural da praça. Essa presença resultou numa movimentação cultural expressiva no bairro, com uma programação intensa no anfiteatro local, que ia bem além dos circuitos programados pela Prefeitura e de seus recursos de apoio. Verificamos aí que essa identidade de bairro em construção, liderada por grupos de artistas jovens contribuiu significativamente para o uso e a ocupação do espaço da praça, demonstrando que as especificidades e padrões locais de sociabilidade intervêm com força na vitalização de equipamentos urbanos projetados pelo poder público.

De maneira geral, nas diversas praças analisadas, a presença da sociabilidade juvenil merece destaque. Os jovens são atraídos para seus espaços e aí desenvolvem uma infinidade de ações. Eles participam ativamente das práticas de esporte, seja os coletivos, como o futsal, o vôlei, futvôlei e o futebol, ou aqueles mais individualizados como o uso de barras e tábuas para exercícios. Também são os usuários principais das pistas de skate e improvisam equipamentos para a prática do *leparkour*. Mas as praças também são usadas para conversas informais, para consumo de bebidas, para a paquera e o namoro. Isso mostra como, na compreensão dos espaços públicos e seus usos, é indispensável levar em conta também as especificidades dos grupos etários e de suas práticas.

As diferenciações encontradas nos modos de ocupação e uso das praças, sua relação com os padrões de sociabilidade em atuação nos bairros evidenciou que, além da pergunta sobre as implicações dos espaços públicos revitalizados sobre as práticas de

---

<sup>4</sup> Remetemos ao estudo de Tereza Caldeira Pires (2000), *Cidade de muros*, para uma discussão a respeito das formas de privatização da vida social nas cidades contemporâneas no Brasil e no mundo.

sociabilidade é necessário pensar nos diferentes contextos em que os equipamentos se instalam e nas diferentes modalidades que essa ocupação pode assumir.

Assim, no espaço requalificado das praças surgem novas questões. Permanece a interação cotidiana dos vizinhos aprisionada nos valores da vida individual ou o debate propriamente político, no sentido de projetos para a vida coletiva, tem aí também seu lugar?

Alguns exemplos demonstram que este espaço propicia também a emergência e exposição de projetos e utopias sociais. Localizamos na praça do Cajú, no Bessa, uma discussão relativa ao convívio dos usuários da praça com moradores provenientes de bairros populares. Posições diferentes aí se colocaram, uma defendendo a exclusividade da praça, certa privatização de seu uso e outra que defendia o ideal da praça como espaço de todos, sem discriminações. Nas discussões travadas entre os gestores, um deles ironiza a perspectiva da praça como espaço privado dos moradores do Bessa, afirmando que só os ETs poderiam ser excluídos do seu convívio, mas não os moradores das comunidades populares que fazem parte de uma mesma humanidade. Parece ter prevalecido aí a dimensão imaginária das praças como lugar do povo, lugar da liberdade e da igualdade de todos. Em outra praça citada anteriormente, a Alcides Carneiro, em Manaíra, a lógica da privatização e do medo vem se tornando hegemônica, e as iniciativas de moradores locais caminham na direção da exclusão, do policiamento público e privado como forma de evitação dos mais pobres, os que insistem em se apropriar em um espaço a que não teriam direito. Ocorre aqui um problema na constituição do espaço público, que é a ausência de um estatuto igualitário entre os interlocutores. Nem todos os cidadãos são considerados com direito igual à palavra e aos bens comuns.

A corrosão da igualdade aparece também na menor participação de pessoas moradoras de bairros populares nos comitês gestores das praças. Assim, no espaço requalificado das praças alguns problemas passam a ter maior visibilidade, situando os limites da cidadania, e apontando para a necessidade de seu alargamento.

Outro aspecto relevante diz respeito às formas de gestão da praça e aos conflitos que se teceram em torno dela. É a gestão da praça responsabilidade do poder público ou dos moradores do seu entorno? Quem tem representatividade para falar em nome dos moradores? Como se dá a escolha dos gestores? Ela respeita critérios democráticos de participação?

Como já foi levantado, na praça dos Funcionários II discutiram-se modelos de gestão na praça, alguns moradores colocando a gestão colegiada como mais democrática e possível de ser adotada e outros na defesa de uma gestão mais técnica e burocrática. A eclosão de conflitos de natureza diversa sinaliza sobre a vitalidade do encontro dos moradores dos bairros, e o potencial de desenvolvimento de uma cultura cívica que este encontro encerra.

Refletir sobre as praças na perspectiva da constituição do espaço público explicitou diferentes aspectos e questões que sinalizam a relevância desse tipo de intervenção urbana. Um deles é o da sociabilidade cotidiana no espaço da cidade, da constituição ou não de relações de vizinhança, da construção de regras de convívio, de desenvolvimento da civilidade. Observou-se na maioria das praças uma intensificação das redes de sociabilidades e a reconstrução de laços de vizinhança entre moradores outrora dispersos e encerrados em seu mundo privado. Outro aspecto destacado foi o do incremento do debate público sobre questões da vida política, que emergiram do encontro dos moradores e da tarefa de gestão dos espaços, partilhada com o poder público. Desta experiência surgiram questões relativas ao ordenamento social mais amplo, à representação política e aos modelos de gestão, o que trouxe novos ares ao

debate e abriu caminho para o questionamento dos modelos de segregação urbana e para o reencantamento do político, pensado como responsabilidade dos cidadãos com os destinos da cidade em que habitam.

### **Referências Bibliográficas**

CALDEIRA, Teresa P. Do Rio. *Cidade de Muros*, S. Paulo, Ed. 34/EDUSP, 2000.

CASTELLS, Manuel. (1999). *A sociedade em rede*. São Paulo, Ed. Paz e Terra, 1999.

CERTEAU, Michel de. (1966), *A invenção do cotidiano*. 2. Morar, cozinhar. Petrópolis, Vozes.

FONSECA, Maria de L. Pereira (2005). “Padrões Sociais e Usos do Espaço Público”.  
In:  
CADERNO CRH, Salvador, v. 18, n. 45, p. 377-394, Set./Dez.

LEFEBVRE, Henri. (1969), *O direito à cidade*. S. Paulo, Ed. Documentos.

PECHMAN, Robert M.(org.) (1994), *Olhares sobre a cidade*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ.

PROST, Antoine. (1992), “Fronteiras e espaços do privado” in Ariès, P. & Duby, G. (orgs.), *História da Vida Privada. Da Primeira Guerra a nossos dias*. São Paulo, Cia. das Letras.

SANTOS, Nelson F. Dos. (1985), *Quando a rua vira casa*. São Paulo, Projeto, 1985.

SENNET, R. (1989). *O declínio do homem público*. São Paulo, Cia das Letras, 1988.

\_\_\_\_\_. (2008). *Carne e Pedra. O corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro, BestBolso.